

AS POTÊNCIAS MILITARES, ECONÔMICAS E COLONIALISTAS E SUAS INFLUÊNCIAS NA GEOPOLÍTICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA, DA MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE

Marcelo Barboza Duarte¹

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5948-5714>.

E-mail: mbduarte@id.uff.br

RESUMO

Este ensaio aborda a Geopolítica do Conhecimento e a transformação da ciência ao longo da história, destacando como, desde a modernidade até a contemporaneidade, ela se tornou uma ferramenta de governança global. A ciência, antes associada à descoberta e inovação, passa a ser utilizada por grupos hegemônicos como um mecanismo de controle, criando e perpetuando estruturas de dominação. Esses grupos, ao se colocarem como detentores da "verdade validada", excluem saberes alternativos e impõem uma visão de progresso e ordem, fundamentada no positivismo e no neopositivismo. A análise também aponta para a continuidade do colonialismo, agora sob a forma de neocolonialismo, que, aliado ao mercantilismo científico e ao destino manifesto, gera novas formas de escravização e exploração. O conceito de neoescravidão é introduzido como a nova camada de opressão, onde a ciência e a tecnologia, em conjunto com algoritmos e big techs, operam para submeter populações e enriquecer poucos.

Palavras-chave: Geopolítica do Conhecimento; Neocolonialismo; Mercantilismo Científico; Destino Manifesto; Neoescravidão; Positivismo; Neopositivismo; Filosofia da Ciência.

MILITARY, ECONOMIC, AND COLONIAL POWERS AND THEIR INFLUENCES ON THE GEOPOLITICS OF SCIENTIFIC PRODUCTION FROM MODERNITY TO THE CONTEMPORARY ERA

ABSTRACT

This essay addresses the Geopolitics of Knowledge and the transformation of science throughout history, highlighting how, from modernity to the contemporary era, it has become a tool for global governance. Science, once associated with discovery and innovation, is now used by hegemonic groups as a mechanism of control, creating and perpetuating structures

¹ Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica (BioqMed) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2015. Pós-graduando lato sensu (UFF) e em Neuropsicologia (Anhanguera), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5948-5714>. E-mail: mbduarte@id.uff.br

of domination. These groups, positioning themselves as the sole holders of "validated truth," exclude alternative knowledge and impose a vision of progress and order based on positivism and neopositivism. The analysis also points to the continuity of colonialism, now in the form of neocolonialism, which, coupled with scientific mercantilism and Manifest Destiny, generates new forms of enslavement and exploitation. The concept of neoslavery is introduced as a new layer of oppression, where science and technology, in conjunction with algorithms and big techs, operate to subjugate populations and enrich a few.

Keywords: Geopolitics of Knowledge; Neocolonialism; Scientific Mercantilism; Manifest Destiny; Neoslavery; Positivism; Neopositivism; Philosophy of Science.

LAS POTENCIAS MILITARES, ECONÓMICAS Y COLONIALISTAS Y SUS INFLUENCIAS EN LA GEOPOLÍTICA DE LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA DESDE LA MODERNIDAD HASTA LA CONTEMPORANEIDAD

RESUMEN

Este ensayo aborda la Geopolítica del Conocimiento y la transformación de la ciencia a lo largo de la historia, destacando cómo, desde la modernidad hasta la contemporaneidad, se ha convertido en una herramienta de gobernanza global. La ciencia, antes asociada al descubrimiento y la innovación, ahora es utilizada por grupos hegemónicos como un mecanismo de control, creando y perpetuando estructuras de dominación. Estos grupos, al posicionarse como los únicos poseedores de la "verdad validada", excluyen saberes alternativos e imponen una visión de progreso y orden basada en el positivismo y el neopositivismo. El análisis también señala la continuidad del colonialismo, ahora en forma de neocolonialismo, que, junto con el mercantilismo científico y el destino manifiesto, genera nuevas formas de esclavitud y explotación. El concepto de neoesclavitud se introduce como una nueva capa de opresión, donde la ciencia y la tecnología, junto con algoritmos y las grandes empresas tecnológicas, operan para someter a las poblaciones y enriquecer a unos pocos.

Palabras clave: Geopolítica del Conocimiento; Neocolonialismo; Mercantilismo Científico; Destino Manifiesto; Neoesclavitud; Positivismo; Neopositivismo; Filosofía de la Ciencia.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a história da ciência não surge com os europeus, ocidentais, modernos ou medievais, entre outros. A história da ciência pode ser situada ou contextualizada desde os povos antigos da África, Ásia e Oriente – por volta de um ou mais de dois milênios antes da Era Cristã. Esses povos, com suas necessidades e aspirações, desenvolveram técnicas e conhecimentos que foram fundamentais para o avanço das suas sociedades, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da ciência, embora muitas vezes essas contribuições sejam negligenciadas ou subestimadas pela narrativa eurocêntrica.

É importante ressaltar que a história da ciência e seu desenvolvimento surgem como uma espécie de teoria, reflexão, prática, produção, reprodução e culminam com um certo domínio ou técnica de um fazer, ou arte de bem fazer. Podemos citar, como exemplo, os povos da Mesopotâmia e do Egito, que foram pioneiros em diversas técnicas e produções inovadoras para o desenvolvimento social, cultural, econômico, político, comercial, produtivo e até mesmo religioso. Entre essas inovações estão a agricultura, as construções, a escrita, a filosofia, entre outras.

Destacamos também os povos da Suméria, que produziram as primeiras formas de escrita, que podem ser consideradas uma forma de ciência ou de fazer ciência, além de outras produções significativas, isso já por volta de 3.500 a.C. Nesses milênios, podemos incluir a China, a Índia e o Egito, que também produziram formas de escrita, além de outras maneiras de fazer ciência, desde 3.000 a 2.500 a.C.

Por volta dos primeiros dois milênios antes da Era Cristã, os persas, gregos e outros povos começaram a dar suas contribuições para a história e produção da ciência.

Esses povos e culturas, assim como muitos outros, contribuíram para a configuração e a produção de linguagens – idiomas e dialetos –, além de técnicas de construção, medicina, engenharias, artes, astrologia (que pode ser considerada a mãe da astronomia), cosmologias, filosofias, cálculos, geometria, entre outras áreas.

Assim, podemos observar que cada povo, com sua cultura, contexto, necessidades e aspirações, em suas regiões e com trocas culturais com outros povos da época, foram dando origem ao que futuramente viria a ser chamado de ciência. Vale ressaltar que o termo "ciência" vem do latim *scientia*, que significa saber, conhecimento ou conhecer algo de forma sistemática. Esse termo, na verdade, é derivado da própria técnica antiga ou especificamente da *techne* grega, como definida nas obras de Aristóteles.

Ou seja, o termo *scientia*, que surge na Era Medieval, sobretudo por volta dos séculos XII-XIII, é, na realidade, uma extensão da *techne* grega aristotélica, que significava habilidade, capacidade e reprodução, ligada à episteme. No entanto, enquanto a episteme estava associada ao campo racional, a *techne* estava associada à prática, ao bem-fazer ou à excelência, à arte da aplicação, produção e reprodução de algo.

Portanto, o termo *scientia* medieval, sobretudo com e após Tomás de Aquino, ao tentar conciliar fé e razão, faz um esforço para dar outros sentidos e significados a todas as

demais técnicas e à *techne* grega aristotélica (que era a experiência ligada à racionalidade, ou seja, que em Tomás de Aquino se transforma em fé e razão). A *techne*, agora como *scientia*, ganha uma nova roupagem. E no início da Era Moderna, na mesma Europa e no Ocidente, ela ganhará novos formatos, mais etnocêntricos e eurocêntricos, descartando as produções de outros povos e culturas. Esse processo transforma o termo e a prática em algo mais restrito, exclusivista e excludente. Fatos que o empirismo, o racionalismo e o positivismo francês e europeu ou ocidental contribuirão significativamente para consolidar, moldando o que, modernamente, se entende por ciência.

Em outras palavras, esse enquadramento da *techne* antiga e oriental – asiática e africana – que se transforma em *scientia* durante a Baixa Idade Média, constitui o objeto a ser reformulado tanto pelo racionalismo, empirismo e positivismo europeu. Isso ocorre no contexto do racionalismo e empirismo a partir do século XVI, e, sobretudo, com o positivismo nos séculos XVIII, XIX e até a contemporaneidade, abrangendo tanto o positivismo lógico do Círculo de Viena quanto o neopositivismo moderno e atual, ou, mais simplesmente, o positivismo científico moderno. O cientificismo, ainda em voga, é fruto desses positivismos vigentes.

Essa análise não implica negacionismo científico, uma postura anticiência ou uma generalização desses fatos e fenômenos. Trata-se de expor tais realidades, processos e fenômenos, com suas contradições, controvérsias e antagonismos. O que estamos fazendo é um esforço para demonstrar como as potências militares, econômicas e colonialistas têm grande influência na geopolítica da produção científica desde a Modernidade até a contemporaneidade.

Diante disso, alguns conceitos e práticas parecem retornar ou se fazer presentes no campo da produção científica, no que é enquadrado e categorizado como ciência ou conhecimento científico, seus objetivos e finalidades. Tais termos e conceitos são: Colonialismo ou Neocolonialismo; Destino Manifesto; Mercantilismo Científico ou Neomercantilismo Científico; e Neo-escravismo. Aqui, trabalharemos especificamente esses conceitos ligados ou interligados ao conceber, pensar, fazer e produzir ciência, bem como às suas finalidades.

Colonialismo ou Neocolonialismo

Sabemos, pela historiografia, sociologia, antropologia, política e diversas outras áreas, que muitos povos, culturas e sociedades possuem um instinto cultivado e alimentado pelo ato de colonizar o outro – terras, animais, rios, florestas, oceanos, países, céus e até mesmo o universo e seus astros. Esses grupos não apenas dominam fisicamente esses espaços, mas também impõem suas bandeiras e nomes, demarcando-os como pertencentes às suas nações, povos e culturas, como se fossem posses legítimas pelo fincar de seus "carimbos" ou "bandeiras". Não seria surpreendente, portanto, que o próprio universo esteja sob a égide do colonialismo e da conquista, já que o espaço é frequentemente visto como um campo vazio, a ser ocupado, conquistado e domesticado para o cultivo de determinados grupos, povos e nações seletas. E é justamente aqui que surge um dos principais problemas: o conceito de "destino manifesto".

O destino manifesto

A noção de Destino Manifesto baseia-se na lógica de que certos grupos, povos, culturas e nações se sentem superiores, melhores e mais capazes do que os outros. A partir dessa concepção, acreditam que possuem um destino divinamente determinado por deuses, crenças, ideais, autoimagem, ideologias, entidades, retóricas, religiosidade, e outras justificativas, além do poder econômico, financeiro, militar e ideológico para forçar os demais povos do planeta a aceitarem sua visão exclusiva de mundo, de história e de destino global e universal.

Ou seja, a corrida pela ciência, pelas novas tecnologias e pela exploração espacial não é motivada apenas pelo desejo de um bem comum global, mas por ações políticas e ideológicas que envolvem colonização, exploração, subordinação e manipulação de massas. Tudo isso está camuflado sob o discurso de "destino manifesto", frequentemente disfarçado de suposta neutralidade científica e do cientificismo dessas nações e suas organizações. Um bom exemplo disso são as Big Techs, que atuam como instrumentos de privatização – não apenas de recursos naturais, mas também do universo e seus astros. A lógica do destino manifesto, portanto, está imersa nos núcleos ideológicos que orientam o pensar e o fazer da ciência, de grandes corporações privadas, de poderes estatais e de nações imperialistas.

Dessa forma, muitos discursos, produções e objetivos da ciência moderna são disfarçados para não deixar claros seus reais propósitos: o controle, a manipulação e a

exploração de massas, recursos naturais, poder e riquezas, concentrados em pequenos conglomerados, enquanto muitos povos e culturas enfrentam fome, miséria, pobreza, caos e destruição. Questionar essas ideologias pode ser interpretado como uma postura contra o progresso, contra a ciência, e assim por diante. Portanto, a lógica do progresso, da ordem e da ciência acaba sendo usada para justificar qualquer tipo de destruição, exploração, expropriação, saque e apagamento de povos e culturas inteiras.

Mercantilismo científico ou neo-mercantilismo científico

Quando se juntam os vários tipos, modos e formas de colonialismo e/ou neocolonialismo com o destino manifesto e com o Mercantilismo Científico ou Neo-Mercantilismo Científico, o problema se torna maior e mais grave. Isso porque a ciência já se transformou em uma commodity, ou seja, uma mercadoria, com fins exclusivos e específicos para certos grupos, e não para o bem comum ou global.

Podemos inferir que a ciência como commodity nasce com o positivismo de Auguste Comte, na esteira do século XIX, e perdura até hoje nesse formato de "fazer ciência". Ela é vista como verdade absoluta, palatável e precisa ser "pura", mantendo controle social, disciplina e produzindo monopólios de discursos de verdades. Aqui o problema se torna ainda mais complexo e se intensifica. Esse tipo de ciência, associada ao Mercantilismo Científico ou Neo-Mercantilismo Científico, com seus monopólios de verdades e de controle social e de massas, também cria consensos, falsas consciências e legítimas decisões de poderes financeiros, políticos, militares, econômicos e até religiosos – que cometem ações contra os povos que não se ajustam ou se enquadram na ordem de poder dominante, o dos colonizadores.

Atualmente, com os poderes econômicos, políticos, militares, financeiros e retóricos, em conjunto com o poder tecnológico e dos algoritmos, a ideia do destino manifesto de certas nações e políticos é legitimada – assegurando maior controle sobre as massas e sua alienação contínua e constante. Tudo isso parece um jogo sutil de poderes, mas é, na realidade, violento, brutal e visceral quando vemos os resultados que recaem sobre a população mais pobre e vulnerável, vítimas desse jogo sórdido de colonizações. E a ciência que está atuando nesse jogo não passa de mais uma religião, quase a mesma proposta de Auguste Comte. Tabelas, gráficos, dados e informações são parte da retórica que constrói as verdades, dogmas,

doutrinas e padrões a serem seguidos por todos aqueles que estão sob essas hegemonias e processos neocoloniais, mercantilistas e de destino manifesto. Tudo isso não passa de uma manutenção das hegemonias, dos colonizadores e de seus poderes econômicos, militares, de exploração e expropriação.

Assim, o colonialismo ou neocolonialismo, em conjunto com o destino manifesto e o mercantilismo científico, têm a função de afirmar que há "uma ciência oficial", que é neutra ao capital. No entanto, isso não é apenas um engano, mas uma manobra retórica sofisticada e falaciosa. A realidade dos fatos, das produções e dos fenômenos desencadeados demonstra o verdadeiro papel dessa "ciência" ou cientificismo contemporâneo. Talvez, mais precisamente, o que vemos seja um neocientificismo ou neopositivismo. Não temos certeza. O que sabemos é que a ciência neomercantilista é uma ferramenta de apologética à lógica de acumulação de capital, e seu conhecimento e produção não são para emancipação ou autonomia humana, mas para controle, disciplina e manipulação – um aprisionamento, ou melhor, um neoescravidão.

Nesse sistema científico e em suas produções, o conhecimento é um ativo estratégico, um protecionismo epistêmico consentido e camuflado com discursos de verdades e validade. Assim como no mercantilismo "clássico", onde a riqueza era medida pelo acúmulo e concentração de ouro, no mercantilismo científico, ou ciência neomercantilista, a riqueza vem do acúmulo tecnológico, da produção de "conhecimento", das verdades produzidas, da propriedade intelectual, dos dados e da forma como os algoritmos trabalham a seu favor. Ora, não seria surpreendente observar que no mercantilismo "clássico" as metrópoles colonizadoras proibiam as colônias de produzir certas manufaturas, assim como o sistema atual busca impedir que as ex-colônias ou neocolônias produzam os meios para sua própria subsistência, autonomia, emancipação e independência?

Dito de outra forma, a ciência mercantilista ou neomercantilista atua como um instrumento de balança favorável aos colonizadores ou neocolonizadores. Exporta-se muito para fora da nação colonizadora, e importa-se pouco para dentro, enquanto na colônia se exporta o necessário para manter a balança sempre favorável ao colonizador, enquanto se importa muito para dentro das colônias – produtos, protocolos científicos ou objetos que supostamente representam saberes. Exemplos típicos das exportações dos colonizadores incluem tecnologias, medicamentos, armas e ideologias, mas tudo em baixa qualidade e a

preços exorbitantes. Casos como a compra de equipamentos militares de baixa qualidade a altos custos por parte do Brasil, nas mãos de potências europeias ou dos EUA, que depois se tornam obsoletos e descartáveis, são bons exemplos. Por outro lado, os colonizadores geralmente importam para si produtos naturais e biodiversidade das colônias, transformam alguns em produtos artificiais e de baixa qualidade, e os revendem para as mesmas colônias ou neocolônias que exportaram tais riquezas. Há também produtos que são vendidos como científicos, mas de qualidade inferior.

Portanto, chamar a ciência de "neomercantilista" tira o "véu sagrado" da ciência e a coloca onde realmente está operando: no campo da economia política. Isso revela que o que chamamos de "progresso" é, muitas vezes, apenas a sofisticação da exploração – uma retórica disfarçada de conveniência econômica, que visa a perpetuação da hegemonia, da dominação e da exploração das massas.

Dessa maneira, o neocolonialismo, atrelado ao conceito de destino manifesto, se liga diretamente ao Mercantilismo Científico, ou ao Neo-Mercantilismo Científico. Este último se refere a uma prática em que a ciência é utilizada não apenas como uma busca pelo conhecimento em si, mas como uma ferramenta para consolidar o poder econômico e político de nações e corporações, explorando e controlando tanto os recursos naturais quanto as populações marginalizadas. A ciência, assim, se torna uma extensão das políticas coloniais e imperialistas, contribuindo para a perpetuação das desigualdades globais e para a manutenção de um sistema de dominação e exploração que se retroalimenta.

Neoescravidão

O Mercantilismo Científico ou Ciência Neomercantilista acaba gerando segregações, exclusões e novas fronteiras extrativistas. Isso ocorre porque essa ciência é utilizada para mapear territórios, mascarar injustiças e desigualdades, e fomentar a ação de setores privados e públicos estrangeiros em territórios alheios, subjulgando, expropriando e explorando essas regiões para o benefício de grupos no jogo de neocolonialismos, controle e manipulação de massas – um processo que beira o que podemos chamar de neoescravidão mental e físico-comportamental. Assim, pequenos grupos de bilionários conseguem manipular governos, países, forças armadas e suas populações, extraindo recursos naturais com o consentimento

do próprio povo e país, que está alienado e aprisionado tanto pelos discursos dos cientificismos quanto pela força dos algoritmos.

Como e por que isso acontece?

No contexto do Mercantilismo "clássico", com o surgimento do capitalismo, os reis ou monarcas eram, em muitos casos, sócios de mercadores ou burgueses. Hoje, no neomercantilismo e na ciência mercantilista, o Estado, governos e empresas patrocinam e financiam projetos privados, com objetivos privados e lucro privado, utilizando dinheiro público. A lógica é a mesma que impulsionou o desenvolvimento do capitalismo mercantilista. O que aqui denominamos de ciência mercantilista ou neomercantilista pode também ser entendida, talvez, como ciência neopositivista. Não temos certeza, mas o que é evidente é a continuidade da lógica de acumulação de riqueza em poucos grupos.

No final das contas, são empresas, bancos, conglomerados políticos e tecnológicos que ficam com os lucros dos investimentos científicos e tecnológicos públicos. O bem público se transforma em bem privado, gerando mais lucros para esses grupos em detrimento da pobreza e miséria da população dos países. A isso, denominamos neoescravidão.

Infelizmente, todo esse processo de neoescravidão já está em vigor – seja por meio da escravidão algorítmica, pela biotecnologia ou pelos produtos dessa lógica de neocientificismo, onde o ser humano não é mais apenas um trabalhador, mas se torna o próprio produto e a infraestrutura do sistema. Os "novos escravos" são os seres humanos cujas mentes e corpos foram integrados à engrenagem do Capitalismo de Vigilância, do Transumanismo Neomercantilista e da ciência mercantilista. Essas são as novas camadas da servidão, ou o neoescravidão.

CONSIDERAÇÕES/CONCLUSÕES

As análises apresentadas atingem o cerne da Geopolítica do Conhecimento e do fazer ciência na era moderna, marcada por uma longa história de colonialismo, expansionismo, mercantilismo, positivismo e neopositivismo, cujas influências perduram até a contemporaneidade. Observamos a transformação da ciência de uma ferramenta de descoberta e inovação para um mecanismo de governança global. Ao se colocarem como os únicos detentores da "verdade validada", esses grupos estabelecem os critérios para definir

quem pode falar, quem deve ser e como deve ser. Eles determinam quais ideias, teorias, tecnologias e produtos são considerados progresso, ordem e "o futuro", enquanto excluem outros saberes e formas de conhecimento. Essa ciência, portanto, não se limita ao campo do conhecimento, mas se torna um instrumento de controle, de disciplina e de manipulação.

Esse processo gera a manutenção do status quo dominante, em que as antigas potências colonizadoras, agora em uma nova configuração, continuam a exercer seu poder sobre colônias, ex-colônias e neocolônias. As dinâmicas de poder que emergem dessa configuração, ao se legitimar pela ciência e pelo controle das narrativas de progresso, dão origem a novas formas de exploração e subordinação. O que antes era visível como escravidão ou servidão, hoje se manifesta em novas camadas de opressão, incluindo o neoescravidão.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2012.
- ACKER, T. V. **Renascimento e Humanismo**. São Paulo. Atual Editora, 1992.
- ALTHUSSER, L. **Aparelho Ideológico de Estado (AIE)**. Rio de Janeiro. Graal, 1987.
- ANDERSON, P. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo. Brasiliense, 2004.
- AQUINO, T. **Suma contra os Gentios**. Vol. I. Porto Alegre. Vozes, 1990.
- AQUINO, T. **Suma Teológica**. Vol. I-II. São Paulo. Loyola, 2003.
- ARENDT, H. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo. Perspectiva, 2011.
- ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Rio de Janeiro. Vozes, 2018.
- ASCH, S. E. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Nacional, 1977.
- ASHERI, D. **O Estado Persa**. São Paulo. Perspectiva. 2003.
- BLOCH, M. **A Sociedade Feudal**. São Paulo. Edipro, 2005.
- BOSI, A. **Dialética da Colonização**. São Paulo. Editora: Companhia das letras, 2012.
- BOURDIEU, P. In: ORTIZ, R. (org.). **Sociologia**. São Paulo. Editora: Ática, 1986.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1997.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa. Editora: Fim de Séculos, 2003.
- BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRUNSCHWIG. H. **A Partilha da África Negra**. São Paulo. Perspectiva, 1990.
- CALAINHO, D. B. **História Medieval do Ocidente**. Rio de Janeiro. Vozes, 2017.

- CARDOSO, C. F. S. **Uma Introdução à História**. São Paulo. Brasiliense, 1981.
- CARDOSO, C. F. S. **América Pré-Colombiana**. São Paulo. Brasiliense, 1989.
- CARDOSO, C. F. & VAINFAS, R. **Nos Domínios da História**. Rio de Janeiro. Campus, 1997.
- CARNOY, M. **Estado e teoria política**. São Paulo. Campinas: Papyrus, 1990.
- CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo. Cortez, 2001.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo. Ática, 2006.
- COMTE, A. **Auguste Comte**. Os Pensadores. Nova Cultural, 1997.
- DEYON, P. **O Mercantilismo**. São Paulo. Perspectiva, 1991.
- EYLER, F. M. S. **História Antiga Grécia e Roma, a Formação do Ocidente**. Rio de Janeiro. Vozes, 2014.
- GIORDANI, M. C. **História da Antiguidade Oriental**. Rio de Janeiro. Vozes, 1972.
- GOODY, J. **O Roubo da História: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente**. São Paulo. Contexto, 2009.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2014.
- HIRST, J. **A mais breve história da Europa**. São Paulo. Sextante, 2014.
- HOBBSAWM, E. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HOBBSAWM, E. **A Invenção das Tradições**. São Paulo. Editora: Paz e Terra, 2015.
- HOBBSAWM, E. J. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HUBERMAN, L. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro, Zahar. 1972.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- JOÃO, M. T. D. **Tópicos de História Antiga Oriental**. Curitiba. Intersaberes, 2013.
- LIVERANI, M. **Antigo Oriente**. São Paulo. Edusp. 2017.
- MARCONDES, D. **Iniciação à História da Filosofia**. Rio de Janeiro. Zahar, 2016.
- SAID, E. W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.